
nogueira
editorial

A Saga do Valk
Questão de Escolha

Nogueira Editorial

A SAGA DO VALK
QUESTÃO DE ESCOLHA

VICTOR PINIE

☼

Copyright 2009 –

Todos os direitos são reservados e protegidos pela lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização prévia da editora.

Nogueira Editorial
Projeto editorial: A.G. Nogueira
Capa: Marcelo Nogueira
Revisão: A.G. Nogueira
Design gráfico e diagramação:
Assistente/tradutor: Simon Garcia

Este livro é uma obra de ficção. Com exceção dos eventos históricos brasileiros. Qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas; nomes, personagens e acontecimentos são meras coincidências.

Pinie, Victor

A Saga do Valk – Questão de Escolha - Victor Pinie – Curitiba- Brasil

1 -Brasil – História – Ficção; 2 – romance histórico; 3 –Brasil – Civilização; 4 – Brasil - reflexões.

ISBN 978-85-60702-00-8



PARTE UM

Introdução

Este livro combina ficção com narrativas de eventos históricos na intenção de levar o leitor a uma viagem por cinco séculos de história da terra de Santa Cruz. Embora fatos e personagens sejam reais, o autor apresenta neste livro uma visão panorâmica — uma viagem — , de uma realidade somada à ficção. Os eventos relacionados às "escolhas" são registros de diferentes épocas da história da jovem nação brasileira. Um mergulho vertiginoso. Um olhar sobre os costumes; as paisagens exuberantes; tragédias; romances, das raízes culturais e musicais da terra filha da mãe África. Dela separada, um dia. Dela impregnada, pela eternidade. A história verdadeira mostra-se mais instigante e dramática que a própria ficção. Os personagens que permeiam a historiografia brasileira atuaram em circunstâncias especiais. No aprendizado a jovem nação repete atitudes e debate-se nos mesmos dilemas, de sempre, quando exigida a optar por "escolhas". A obra não pretende a construção de uma monografia completa, mas, uma apresentação de alguns quadros fundamentais para a compreensão histórica dos fatos relevantes que determinaram as escolhas de caminhos para o povo brasileiro. O conteúdo apresentado relata fragmentos de importantes etapas do calendário histórico nacional.

Muitos personagens são reais e viveram nas épocas e circunstâncias relatadas. Alguns atores são fictícios e coube ao autor se permitir a releitura de algumas passagens. Um romance histórico. Ousamos ter esperanças de predispor o leitor a aumentar a curiosidade na compreensão dos fatos e eventos históricos que determinaram a formação da gente brasileira. Longe da pretenção de completa erudição, domínio amplo das ciências sociais ou de contestação da historiografia brasileira. Não existe a pretensão de elaboração de uma cronologia precisa e completa. O objetivo é de situar os personagens dentro do contexto das "escolhas"; podem ocorrer desencontros de informações ou dados nos arquivos e fontes pesquisadas. A ignorância dos judeus, passageiros do barco Valk, sobre os assuntos marítimos pode ter levado a erros, na interpretação dos fatos. Principalmente nos eventos relativos a ventos, tempestades e localização do barco — longitudes e latitudes —, na vastidão dos mares. No relato da saga dos Judeus da Cidade Maurícia, o autor busca uma interpretação da fantástica viagem de

Benyamin Cohin e através de seus descendentes surge um painel descritivo de eventos e escolhas de uma nação em formação. Os poucos anos passados no Brasil impregnaram de tal forma os pioneiros judeus que o encantamento transformou-se em ligações de suas novas gerações com a terras de Santa Cruz. A expulsão dos judeus em 1654 foi o início de uma nova diáspora que levaria o povo de Israel para outras regiões das Américas ou a volta para o continente europeu.

A chegada de milhões de negros vindos da mãe África, como escravos foi o início de uma colossal diáspora negra que viria a amalgar o povo brasileiro e construir a alma e sentimentos que são a marca de sua gente. A colonização holandesa nas Antilhas de relativo fracasso e principalmente na Indonésia não leva a culpar os portugueses em suas primeiras ações de colonização nas terras brasileiras, bem como a colonização francesa no Haiti. A perda considerável foi a fuga dos judeus das terras governadas pelos holandeses no nordeste do Brasil. Experientes no comércio, nas atividades em engenhos de açúcar e providos (ou formadores) de capital, os judeus na fuga para outras terras privaram a jovem nação em formação de caminhada mais rápida em direção ao progresso. Na América do Norte encontrando abrigo e um ambiente de trabalho e produção os sefarditas germinaram a semente de uma nação que viria ser a maior potência do planeta. Nos Estados Unidos era possível a instalação de manufaturas, estaleiros, tipografias e outras atividades industriais. Na colônia portuguesa, os engenhos de açúcar, os latifúndios hereditários e o monopólio dos lusitanos exerceram o controle por mais de três séculos. Atividades industriais eram proibidas. Somente em 1808 D. João VI procedeu a abertura dos portos para o comércio com outras nações. Nos cinco séculos de existência os brasileiros encontram pontos positivos na curta trajetória quando comparada com nações do velho mundo: a unidade do amplo território nacional; os recursos naturais; a não existência de conflitos "graves" e tensões regionais e a alegria de viver.

O propósito deste livro não é da menção exata e completa dos fatos e sim buscar a apresentação de melhor compreensão e expressão das relações necessárias para juízo das "escolhas": uma livre expressão da vontade individual ou coletiva que decide o futuro de uma pessoa ou de um povo (conforme Sartre). A alfabetização, educação formal, o acesso à literatura libera nos leitores fluídos de

rebeldias contra autoridades, desmandos ou crenças pré-estabelecidas. Na inquisição, os romances e as demais obras literárias eram submetidos à rigorosa censura. O povo brasileiro, por mais de três séculos teve (ainda contínua a ter) restrições ao acesso democrático da educação de qualidade. Mesmo a tão contestada educação jesuítica dos primeiros séculos tem a seu favor a intenção de semear aos gentios pré-colombianos as condições de saírem da condição de bárbaros. Pelo menos está era a leitura da Igreja, na época. A busca da objetividade absoluta é utópica. A interpretação dos fatos pode ser de várias maneiras. Os personagens da vida do Brasil na época de colônia levam ao entendimento dos episódios e fatos que formataram a história da jovem nação brasileira. Alguns personagens destacados entre os marcantes pioneiros da formação da identidade do "ser brasileiro" nos remetem à tentativa do entendimento do aspecto comportamental e emocional da gente do "continente", Brasil. Uma nação de emoções desmedidas do tamanho de suas contradições. Um povo inteligente e às vezes de procedimentos libertários. Através dos atores fazedores da historiografia brasileira tento passar ao leitor o conhecimento das diferentes situações vivenciadas pela jovem nação brasileira. Milhões de brasileiros, embora, afastados das atuações políticas, por elas são conduzidos e seguem atrelados ao destino comum da nação. A civilização brasileira é formada por uma miscigenação espontânea, às vezes forçada e por um longo período de escravidão de mais de três séculos. No manuseio do livro o leitor poderá ater-se a eventos ou personagens que podem marcá-lo ou induzi-lo a novas e completas pesquisas.

O relato fragmentado possibilita a leitura de partes do livro sem a necessidade da leitura em um só fôlego; no final as mais diversas figuras do cenário histórico político e humano do Brasil interligam-se em uma imagem dos caminhos da gente brasileira. As vidas e os eventos paralelos seguem o curso da evolução emotiva do cotidiano de mais de cinco séculos. Na observação neutra é possível mergulhar nos fatos e nos temas que ocupam a realidade e o imaginário dos brasileiros. Em tempos iguais ou distintos as histórias se confundem e se repetem em um destino intrincado. Atores se revezam em um cenário exótico e de paisagens sem igual no mundo. Emoção e paixão são os sentimentos que emergem da historiografia brasileira. A intenção é a montagem de um painel descritivo dos eventos e

momentos densos da participação dos atores na emocionante epopeia da formação do povo brasileiro; uma imagem caleidoscópica, sob o olhar de um estrangeiro, encantado com os paradoxos que formam o conjunto de raízes emotivas da história das *terras dos papagaios*. No novo destino dos judeus, os longos padecimentos foram registrados em alguns diários que corroídos pelo tempo fizeram perder os relatos de penúria e as dores da gestação da portentosa cidade de New York, do futuro. Anos e décadas de vidas em uma realidade cruel. As doenças no verão. Os penosos invernos de muitos graus negativos. A mistura violenta de aventureiros e piratas que teimavam em aportar nos trapiches escondidos no fundo da baía. Os piratas ficavam à espreita na altura da região onde hoje se encontra a Florida e assim que os navios saiam do Caribe eles eram atacados e suas cargas saqueadas. A falta de suprimentos e principalmente medicamentos era rotina de meses em Manahata.

Muitos dados ou registros se perderam. Alguns trechos foram omitidos e outros reduzidos. A ortografia e grafia do português arcaico do século XVI até o século XVIII e algumas traduções do idioma ladino — também chamado de judezmo ou didjio —, mistura do Espanhol, hebraico e português sofreram adaptações para a ortografia e grafia do português atual. Ao mesmo tempo da chegada dos sefarditas chegavam à ilha de Manhattan, os judeus asquenazis. Muitas anotações em ídiche constavam nos diários carcomidos pelo tempo.

El djudeo-espanyol o ladino és la lingua avlada por los sefardim, djudios ekspulsados de Espanya en 1492. És una lingua derivada del espanyol avlado por 150.000 personas en komunitas em Israel, Turkia, antika Yugoslavia, Gresia, Maruecos, entre otros. O Judeu -Espanhol ou ladino é o idioma falado pelos sefarditas, os judeus expulsos da Espanha em 1492. O ladino é uma lingua que deriva do castelhano e que é praticada por 150.000 pessoas em comunidades de Israel, Turquia, antiga Yugoslavua, Grécia e Marrocos, entre outros.

O autor

Questão de Escolha

O autor não ousa identificar ou determinar segundo suas concepções as opções de escolhas. O leitor é considerado agente construtor de seu conhecimento dos eventos históricos brasileiros. Cabe ao autor expor momentos determinantes que impuseram novos rumos ao destino do Brasil. As opções que determinaram o curso da história. Por acomodação, inércia ou indolência muitas escolhas acarretaram em trágicos prejuízos. Cada um que intérprete os erros ou acertos nas opções preferidas; não se deixando de frisar as circunstâncias existentes em seus devidos tempos. O elenco de caminhos de sucessos que poderiam merecer melhores escolhas dos agentes políticos brasileiros pode parecer uma *"receita de obviedades*". Receita que teimosamente os governantes, de plantão, postergam por décadas ou séculos. O alicerce da educação é o mais sólido. Quando implantado fará com certeza surgir um Brasil de maravilhoso futuro. Os problemas acumulados exigem a atenção de várias gerações na busca da realização dos anseios da população. As escolhas formataram a gente brasileira e o desenho do Brasil atual. O grande desafio que a jovem nação persegue é o alcance da lucidez necessária para canalizar suas imensas energias na busca política de melhores opções de escolhas e ordenar a sociedade em uma estrutura que venha a ser favorável aos interesses da população. Em sua diversidade e mesmo com suas adversidades é possível ao Brasil manter-se como uma nação sempre aberta para o futuro!



Escolhas

01- A Expulsão dos Judeus / Inquisição
02- Prazeres do Litoral
03- Degredados / Solteiros / Aventureiros / Piratas e Corsários
04- Capitanias hereditárias / Latifúndios
05- Colonização Extrativista
06- Cunhadismo
07- Abandono da Colônia
08- Jesuítas / Catequese / Raízes da exclusão

A Saga do Valk – Questão de Escolha

09- Dom Sebastião / Período ibérico
10- Relação hispânica x Lusa (estranhamento)
11- Ciclo do açúcar - Os engenhos / Os holandeses
12- As Bandeiras
13- Fixação no Nordeste / Abandono do Sul
14- Zumbi dos Palmares / Exclusão / Opressão
15- A Febre do Ouro / Casa de Fundição
16- Marquês de Pombal
17- A unificação dos estados do Maranhão e Brasil
18- A transferência da capital para o Rio de Janeiro
19- Fechamento das indústrias
20- Inconfidência Mineira/ Independência EUA
21- Sentimento de inferioridade / Submissão ao estrangeiro
22- Vantagens para os ingleses / Portos proibidos
23- A Chegada da corte / Independência
24- Retorno de D. João VI
25- A constituição da mandioca / A Saga das constituições
26- As Regências
27- Ferrovias / Rodovias / Hidrovias
28- O Império
29- Guerra do Paraguai / Corporativismo militar
30- Exclusão/ Marginalidade / Deterioração urbana
31- Atraso na Educação
32- Abolição da Escravidão / Reforma Agrária
33- Primeira República
34- O Começo do Caos Urbano
35- Grande Seca no Nordeste
36- Canudos
37- Centralismo Industrial / SP
38- Descontinuidade Administrativa
39- Os Intelectuais / Elite Emergente
40- Política Café com Leite
41- Presidencialismo / Personalismo
42- O Caudilhismo (Vargas, Perón, Franco etc.)
43- Nacionalismo / Patriotismo / Anti-imperialismo
44- Enfraquecimento Regional
45- Tragédias / Soluções Contingenciais
46- Getúlio Vargas / A Falta de Opções
47- Falta de Planejamento Urbano e Agrário

48- Fluxos Migratórios
49- Vocação Urbanista Primeiro Mundo – Recursos de 3º Mundo
50- J.K. / Brasília / Montadoras / Remessas de Lucros / Tecnologia
51- Favelas Urbanas / Invasões
52- Política Externa / Parcerias Equivocadas ou Ideológicas
53- Pacto Trabalhista
54- Oeste Tardio
55- Indústria da Seca / Irrigação / Meio Ambiente
56- Sindicalismo
57- Êxodo Rural
58- Fronteira Agrícola / Política Agrícola
59- Educação Ausente
60- A ditadura Amarga /Anos de Chumbo
61- Pacto Federativo
62- A Mídia / Elite / Massa Desorganizada
63- Governo Central Forte / Estados e Municípios Fracos
64- A Letargia / Conformismo
65- Omissão da Elite
66- O Jogo Político (Toma Lá, da Cá...)
67- Quadros Políticos/Representações do Pacto Federativo/Voto Obrigatório
68- Bóias frias / Diaristas / Escravos
69- Populismo (Salvadores da Pátria)
70- Respeito às Leis e Patentes
71- Marketing Político Rico - Povo Pobre
72- Dispersão de Responsabilidades
73- Integração Racial (Apartheid) / Cotas / Educação / Empregos
74- Imigrantes
75- Novos Municípios / Cidades Fantasmas
76- A Monocultura do Café / As Geadas
77- Ciclo do Etanol e dos Biocombustíveis
78- Controle Demográfico / Igreja
79- Excluídos sem Voz e Prisioneiros de Migalhas (As Benesses)
80- **S**aneamento / **S**aúde / **S**egurança
81- Turismo Sexual
82- Orçamentos e Planejamentos / Divisão de Recursos
83- Evasão Escolar / Trabalho infantil
84- Guerra Fiscal
85- Corrupção / Pequenos Delitos

86- Burocracia / Cartórios
87- Coronelismo / Sistema Eleitoral
88- Previdência Pública
89- Sistema Carcerário
90- Lentidão Judiciária
91- Movimentos Sociais
92- Os Gargalos da Infraestrutura
93- Privatizações
94- Juros Altos / Capital Internacional
95- Fúria Arrecadatória
96- Estado Perdulário
97- Informalidade / Sonegação Fiscal
98- Regras Normativas / Marcos Regulatórios
99- Regras Para o Ensino (Qual a Educação que Queremos?)
100- Mercado Externo / Alca, Alba etc.

☼

Para meus pais: Olimpio “Badu” (em memória) e Joana

A Saga do Valk – Questão de Escolha

Agradecimentos: a todos que aturaram a teimosia do empenho nas pesquisas e releitura de partes importantes da historiografia brasileira. Foram longos meses de trabalho.

Apresentação

Do ano de 1635 até 2004, mais de três séculos e meio se passaram e depois de tantas gerações coube-me a tarefa de dar formato as memórias de nossos antepassados. Da cidade de Toledo, na Espanha, Moshe Cohin, após a condenação e execução de seus pais seguiu para Delft, na Holanda sob os cuidados dos avós. Em pouco tempo se fez homem e ainda moço chegou às terras tropicais do Brasil. A partir daí uma diáspora prisioneira de lembranças impregnaram os descendentes do pioneiro Moshe. No propósito do entendimento do processo histórico brasileiro destaco alguns atores e momentos marcantes na passagem do tempo. Recomendo a pesquisa na relação de obras citada na "bibliografia".

Samuel Cohin Jr. – (31 de dezembro de 2004)

A Saga do Valk – Questão de Escolha



Dedicado:

Seu Jorge (Zinga)
Adjovi e Andozan (guerreiros africanos)
Capitão Miguel Espinoza
Baruch (Benedito)
Abraão
Rana Cohin
Sr.Levy
Yosef Lavinsky
Afonso Castiel
Jaques de La Motte
Badu e Abdias
Daho (Teresa)
Nassi
Jeff
Paco
Camacho
Sally e Mingo
“Shulym”
Emma
Hendrick de Foreest
Yanko

Prólogo

Rio de Janeiro, manhã de sexta-feira, último dia de 2004.

Cheguei ao escritório por volta das dez horas. Num prédio antigo de pé-direito alto, abarrotado de salas e consultórios. A pequena chapa de metal branca anunciava, Dr. Samuel Cohin Jr. — Tradutor. Jornais, propagandas de boates e cartas se acumulavam sobre o chão da sala. Durante anos mantive este espaço como refúgio para minhas frequentes pesquisas. No coração da Avenida Rio Branco. Durante o trajeto compreendo que não posso abandonar a nossa história. Ainda que elas estivessem, todas, em um simples caixote de madeira. Voltei porque não pude simplesmente esquecer os Cohins e seus relatos. Porque a vida do morto reside na lembrança dos vivos. No final de meus dias, estas memórias sobreviveriam através do livro. Naquela manhã, o vazio da sala assustou. As paredes sem qualquer vestígio das prateleiras de imbuía. O papel de parede descascado e todo mofado. Um pequeno caixote, destes que abrigam frutas, encostado ao lado da porta, contendo livros e papéis, ainda aguardava o destino final. Os móveis já não existiam. O retrato da minha esposa aos vinte anos e uma velha bandeira, do Brasil império, agora enfeitavam nossa casa em Copacabana. Da janela do escritório observo pela última vez o movimento da avenida. Pessoas apressadas, ônibus, carros numa disputa por espaço e um coro de ambulantes na calçada. Tudo diferente de quando o Rio ainda era apenas uma cidade cortada por bondes. Eu acreditava ser este o país do futuro.

O velho pacote desbotado exibe grandes manchas de mofo. Letras quase ilegíveis exibem uma assinatura. “Benyamin Cohin” numa cor de sépia esvanecida. Uma caligrafia refinada que demonstrava o tipo de homem que foi aquele judeu. Encantado pelas florestas tropicais e suas praias de larga extensão. Neste paraíso ele acreditou ter encontrado a terra prometida. De sua pequena comunidade viu surgir uma cidade aconchegante e de tal forma organizada que contagiava de esperança quem ali aportasse. Tiras de couro amarravam centenas de páginas de escrita ladina, castelhano e português lusitano. Marcas de tinta e manchas de vinho deixaram ali seu rastro. Rastros do tempo, acomodados em um velho caixote de pinho. Móveis, quadros e menorás de prata sumiram ao largo da nossa

história. Da presença dos Cohin na América restou este conjunto de relatos e notas. “Nosso tesouro”. Assim cresci ouvindo meu pai Sebastian repetir.

Os papéis estavam se esfacelando e fora de ordem cronológica. Eram relatos emocionantes. Como destroços. Destroços de um enorme naufrágio. Letras desbotadas adquiriam vida na minha imaginação. Evitei durante muito tempo tocar estes papéis. O resultado desta pesquisa foi o retorno a incrível história do judeu brasileiro nascido no Recife. O tempo passou, e logo eu, o descendente de Benyamin, estava ali, acocorado entre papéis e velhas notas, envolvido na fantástica aventura; digna das mais emocionantes sagas.

☼

Por volta do ano de 1753, minha mãe, Raquel, encontrou em uma pequena papeleira de jacarandá, papéis envelhecidos e deteriorados pela umidade; no sótão da casa de pedra centenária. Construída por Benyamin Cohin e seu pai Moshe Cohin; depois reformada por Yosef, meu avô. A velha papeleira que, Ruth, minha avó afirmava ter vindo com o meu bisavô, o brasileiro nascido no Recife. Antes de morrer ele lhe entregou o pequeno móvel que tinha enfrentado milhares de quilômetros até chegar à Nova Amsterdã da América do Norte. As marcas e manchas que contaminavam a papelada não me impediram de recompor os relatos do meu bisavô. O acervo constituía um pequeno tesouro. Relatos de um passado vivido nos trópicos. A papeleira, feita em madeira brasileira, era revestida internamente de cetim e veludo e marcada pela ação do tempo. Levamos trinta dias para recompor e adaptar grafias e anotações; em ladino e castelhano. Restauramos os escritos e notas de viagem. Muito se perdeu no decurso do tempo. Relatos de tempos sofridos ou felizes foram corroídos pela ação do tempo. O que tínhamos nas mãos possibilitava a reconstituição da aventura vivida por meu bisavô, na emocionante viagem de Recife à Ilha de Manhattan. Meu pai, Eliezer Cohin, não havia completado um ano de idade quando Benyamin morreu; mas, as histórias que meu avô me contava, não saiam da minha cabeça; até os sete anos fiquei aos seus cuidados. Eliezer dedicado às causas políticas; mal parava em casa. Minha mãe detestava os seus ideais; depois não aguentando a solidão e a rotina

doméstica juntou-se a ele. Jeremias, meu irmão, vivia em Boston, onde fora estudar e depois se envolveu com o desejo da independência das colônias. Juntamente com José Cohin da Cunha, neto de Luna Cohin lutou nas emboscadas contra os britânicos. Os negócios em parceria com os Foreest, iniciados com o saudoso Hendrick, amigo de meu avô Yosef duraram por mais de seis décadas. No ano de 1773, graves incidentes ocorridos na cidade de Boston — a revolta popular contra o monopólio da importação do chá —, levaram o meu pai, Eliezer, a desligar-se dos negócios e dedicar-se somente as causas da independência.

Yosef, meu saudoso avô, passava horas mostrando-me os roídos manuscritos. Ficávamos revirando os velhos papéis e imaginando os relatos. A sofrida história de Benyamin, que havia morrido em 1723, aos 78 anos, era mais uma tragédia, tão presente, na saga judaica. Sete anos após a morte, de meu bisavô, uma tragédia aconteceria em nossa família: No final de 1730, em uma viagem pelo Atlântico até Nova York, Luna Cohin com o seu marido e o filho Ramalho foram pegos por uma tempestade, que levou ao naufrágio o navio em que viajavam. Emanuel conseguiu se agarrar aos destroços; o mesmo fez o filho. Minha tia, Luna, não teve sorte, separada dos dois pela violência das ondas, distanciou-se e em questão de minutos sumiu no mar revolto. Pai e filho ficaram por três horas agarrados aos destroços. Mais tarde, por sorte, foram resgatados por marujos de uma embarcação que havia deixado o porto de Nova York. Em 1754 surgia a primeira faculdade: King´s College, atual Universidade de Columbia. No mesmo ano foi fundada a primeira biblioteca Pública da Cidade de Nova York. Aproximadamente vinte e cinco mil pessoas habitavam a região. No ano de 1756, no dia 17 de março, ocorreu a primeira parada de São Patrício e nascia Samuel Cohin o redator destas notas.



Na terra distante, um paraíso tropical, de florestas exuberantes, de praias de larga extensão. Um povo nativo dócil e emotivo. Um céu azul, fauna, flora das mais variadas cores e espécies. Ali a comunidade de Judeus e cristãos-novos junto com os nativos fez florescer uma cidade aconchegante e de tal forma organizada que contagiava os visitantes.

A Saga do Valk – Questão de Escolha

Corria o ano de 1771, e logo eu, Samuel Cohin, bisneto de Benyamin, estaria envolvido numa fantástica aventura, digna das histórias do meu avô. Meu pai, cada vez mais se ocupava com as questões políticas. A ideia de Independência das colônias era o assunto principal. Gershom Mendes Seixas, também, descendente de judeus que aportaram na América no ano de 1654, era frequentador da nossa casa. Sempre que ele chegava, meus pais pediam que eu me retirasse. Eu não conseguia entender o motivo de tantos segredos.

No ano em que completei sete anos, em 1763, meu avô, que desde a morte de Ruth, consumido pela saudade, havia perdido o entusiasmo de viver, infelizmente, nos deixou. As longas conversas deixaram de existir e eu me sentia muito solitário. Depois da morte de Yosef, a velha papeleira permaneceu no sótão. Muitos papéis simplesmente, ao serem tocados, esfarelaram-se como grãos finos de areia. O hábito de tecer um diário, nos relatos dos penosos anos em Nieuw Amsterdan não resistiu ao tempo. Meu irmão Jeremias, mais velho que eu sete anos, estava seriamente envolvido com os assuntos ligados as tratativas para libertar as colônias da dependência dos ingleses. O Sr.Gershom vendo a minha solidão, cada vez que vinha a nossa casa, trazia seu filho, Benjamim, e com ele, as tardes começaram a ser mais divertidas. Benjamin, intrigado, prestava muita atenção quando eu falava sobre as histórias do meu avô. Ele, também, cresceu ouvindo as aventuras dos judeus sefardins que vieram do nordeste do Brasil.

Toledo, Espanha, Inverno de 1616, oito horas da noite

O exercício da crueldade: Os “hereges” vestidos de branco seguiam segurando uma vela acesa e uma enorme cruz pendurada no peito. O silêncio aterrador se abatia sobre a multidão. Na enorme praça, fogueiras iluminavam a noite de inverno. Um caminho aberto no meio da neve terminava de repente em frente a maior de todas as fogueiras; ainda apagada. Um enorme tronco se erguia junto à pilha de lenha seca. Os senhores do Santo Ofício eram seguidos pelos padres. Os homens “orgulhosos” de sua justiça seguiam de cabeças erguidas. Glória da Espanha (conforme Miguel de Cervantes), Toledo situa-se no topo de uma montanha. Cercada, por três lados, por uma grande curva do rio Tajo, que depois recebe o nome de Tejo. Rio que

nasce na serra de Albarracim e depois de quase mil quilômetros deságua no Atlântico; banhando a cidade de Lisboa. Terra que serviu de inspiração para El Greco e para Isaac Abravanel. Em dias de autos de fé, as manufaturas de aço — produtoras das famosas espadas de Toledo — dispensavam seus operários para dirigirem-se a praça da grande catedral. Pelas pontes, que cobrem o rio que corre ligeiro pelas pedras brutas, os camponeses, aos bandos corriam para o dia "festivo". Pelas vielas estreitas (algumas com um pouco mais de um metro de largura), em meio aos casarios centenários de pedras, cabras e cães disputavam espaço com os apressados moradores. No entorno do local do espetáculo de horror, grandes sobrados, alguns com até três pavimentos, com suas fachadas de pedras, testemunhavam, silenciosamente, o destino dos hereges. Boa parte dos moradores de Toledo e arredores da fortaleza faziam-se presentes. A multidão silenciosa assistia. Era possível ouvir os passos pesados e arrastados da procissão no piso enlameado. Grossas cordas separavam a plebe dos inquisidores e dos condenados.

Aaron e Isabela ainda mantinham um fio de esperança. Os rituais que se iniciavam antes do final da manhã terminavam com a leitura rápida das temíveis sentenças. Os réus eram separados: os merecedores de castigos; os degredados, os com cárceres temporários ou perpétuos ficavam em um setor; os escolhidos para a apoteose das chamas iam na triste procissão. Um enorme toldo cobria a área onde os nobres e agregados assistiam ao espetáculo de horror. Membros da realeza e seus convidados, com suas melhores vestimentas, em transe, não tiravam os olhos da "cena medieval". O rufar dos tambores, leve no início, depois acelerado e forte marcava os instantes finais do macabro ritual. O homem, no limite da sua capacidade de expressar a crueldade, tinha milhares de cúmplices extasiados e silenciosos na noite gelada. Aaron e Isabela, ainda lançaram olhares, dolorosos, para a multidão a procura dos seus. Em vão. Amarrados ao tronco foram erguidos e em seguida devorados pelas chamas. As labaredas, os estalos da madeira seca e o silêncio aterrador da multidão se misturaram aos gemidos, que foram ouvidos por Nehemias, Joanna e o pequeno Moshe. Estava acabado; com algumas poucas lágrimas derramadas.

❖

Quando do nascimento de Nehemias (1553) e de Joanna (1557) a Espanha vivia uma convulsão social; judeus ou cristãos-novos eram perseguidos e massacrados. Na Alemanha, em 1542, o reformador Martinho Lutero publicou um texto “contra os judeus e suas mentiras” incitando o povo à perseguição. Autos-de-Fé eram promovidos por cruéis inquisidores. Mesmo com pedidos de perdão ou arrependimentos, milhares de pessoas foram humilhadas e submetidas às fogueiras. Os “Estatutos de pureza de sangue” eram promulgados na Espanha e Portugal, na tentativa de identificar e controlar a comunidade judaica. Antes do decreto de Alhambra (nome de um castelo construído por monarcas islâmicos entre os anos de 1248/1354, em Granada) assinado pela rainha Isabel e pelo rei Fernando, em 1492, os judeus gozavam de liberdade religiosa. Após o decreto iniciou-se a expulsão e perseguição da comunidade judaica nas terras espanholas. Depois da ferrenha inquisição medieval o tribunal do Santo Ofício estendeu os seus tentáculos pavorosos sobre o povo judeu. Os avós Nehemias e Joanna conseguiram com a ajuda de um amigo viajar às pressas para os países baixos. Na região de Delft e depois Gouda eles fixaram moradia. Dois anos depois Nehemias morreu de tristeza e Joanna passou a cuidar do pequeno Moshe, na época com três anos.

Porto Calvo, Brasil, abril de 1632: herói ou traidor?

Em 22 de abril de 1632, um mulato de nome Domingos Fernandes Calabar, então com um pouco mais de vinte anos de idade, cansado de seguidas humilhações passou para o lado dos holandeses na luta pela posse de terras no nordeste do Brasil. Não foi o único soldado a adotar tal procedimento, mas sem dúvida foi o mais importante para a mudança de um quadro que se mostrava desfavorável aos invasores. Ganhando a confiança do Coronel Van Waerdenburch e do lendário Sigismundo Von Schoppe o brasileiro ajudou os flamengos no contra ataque aos resistentes. Em um ataque a Porto Calvo — terra natal de Calabar —, em 1635, o brasileiro ficou no aguardo de envio de um reforço de tropas holandesas; a demora possibilitou o avanço das forças de Matias de Albuquerque. Calabar foi detido. Em um rápido julgamento teve a condenação a morte, por garrote; esquartejado, em seguida, seu corpo foi distribuído pela praça principal da vila; ali

permanecendo até o sepultamento e honras militares, por parte dos holandeses.

Cidade Maurícia, Brasil, 1645: o Medo

Após o regresso de Maurício de Nassau, para a Holanda, a comunidade judaica declinou. Cerca de seiscentos judeus permaneceram no Recife resistindo junto com os holandeses ao cerco da cidade. Na mente dos judeus os flamengos representavam a liberdade religiosa. Do outro lado (dos luso-brasileiros) os horrores da inquisição, dos autos-de-fé, dos estupros das mulheres e dos sequestros das crianças e dos bens.

❖

Montes dos Guararapes, Pernambuco, Brasil, 1649: O sangue derramado.

Corria o ano de 1645 e quase mil e quinhentos homens: mestiços, índios, negros, portugueses e os mazombos (filhos de portugueses nascidos no Brasil) armados de foices, lanças, flechas, pedaços de paus e alguns mosquetões derrotaram uma tropa de soldados holandeses, no entorno do Monte das Tabocas – localizado na atual cidade de Vitória de Santo Antão; uma tropa fortemente armada de dois mil soldados foi derrotada por um grupo mal armado, mas de extrema valentia. Logo os rebeldes brasileiros recuperaram a cidade de Olinda e isolaram os invasores em uma faixa de terras que se estendia de Recife até Itamaracá. Um ano depois na memorável batalha de Tejucupapo, os flamengos foram novamente derrotados e obrigados a se manterem contidos em seus reduzidos redutos. Em abril de 1648 os holandeses desesperados tentaram romper o cerco. Na segunda batalha sangrenta, em fevereiro de 1649, nas imediações dos montes Guararapes, milhares de mortos e feridos dos dois lados ficaram pela região dos morros. Aturdidos, sem alimentos ou reposições de tropas e armas, os holandeses, ainda resistiram até janeiro de 1654.

A Saga do Valk – Questão de Escolha

Recife, Brasil, 26 de janeiro de 1654: a rendição

A água potável era severamente racionada. Os doentes sofriam com a falta de medicamentos; os mortos não tinham sepultamento digno. Os alimentos eram mínimos e os animais morriam de fome. O pequeno porto continuava estagnado e obstruído por pequenas e grandes embarcações naufragadas; os armazéns vazios e quase que totalmente demolidos ou queimados. O cheiro da pólvora e da morte teimava em pairar sobre a cidade Maurícia. Menos de três mil soldados flamengos permaneciam na cidade sitiada. Doentes e famintos os homens suplicavam por reforços nas armas e na alimentação. As deserções tornaram-se uma rotina. O flagelo da seca atormentava ainda mais os brancos holandeses. A falta de higiene, a agonia da cidade apontava para um triste fim. A malária alastrava-se da periferia, dos banhados, para o centro do povoado. Alguns luso-brasileiros, mestiços e principalmente índios ferozes já invadiam a cidade, matando e violentando crianças e mulheres. Há muito tempo não aportava um galeão com farinha ou outras provisões. A situação de penúria e extrema calamidade perduravam, mesmo após a capitulação assinada em vinte e seis de janeiro, na Campina do Taborda, com a presença de: Gilbert de Witt, Coronel Van der Wal, General Sigismundo Schoppe, capitão Waulter Van Loo e Huybrecht Brest, do lado dos holandeses; capitão Afonso de Albuquerque, General Francisco Barreto e André Vidal, entre outros, por parte dos brasileiros. Foi dado um prazo de quatro meses para aqueles que tivessem intenções de abandonar a cidade e retornar à Holanda.

09 de julho de 1654, quinta-feira; seis horas da tarde.
A angústia do futuro:

Depois das tropas maltrapilhas, mal alimentadas se amontoarem às pressas em alguns velhos galeões. O pavor dos enforcamentos, dos estupros e das temíveis fogueiras rondava a comunidade judaica. Relatos de violência teimavam em chegar a Cidade Maurícia. Casas eram invadidas, armazéns saqueados e mulheres violentadas. Os outrora vencedores e alegres judeus eram agora uma pequena massa de falidos. Restava a força do homem. Um atraso na chegada dos barcos, que iriam levar os judeus para a Europa, angustiava a

comunidade. Muitos fugiam durante a noite, auxiliados por brasileiros, em direção à Bahia e Ceará, os destinos mais procurados. Os que ficaram aguardaram por dias no pequeno cais; espremidos no meio de caixarias e engradados com aves e animais. Ao longe as explosões seguidas de labaredas davam aos judeus os sinais da temível matança. Era sair ou morrer!

☼

(Narrativa de Moshe e Benyamin Cohin)

A RETIRADA

Cidade Maurícia: 10 de julho de 1654, oito horas da manhã:

"Não há outra objeção à atitude totalitária senão a objeção religiosa ou moral". (Albert Camus)

Dezesseis barcos ancorados no porto aguardavam o embarque de centenas de judeus e cristãos-novos que embora relutassem em deixar os seus sonhos, seus projetos e uma vida de vinte ou trinta anos — não tinham outra saída. No cais do pequeno porto, cerca de seiscentas pessoas se espremiam em desespero na espera do embarque. Os dias que antecederam a retirada foram de escolhas e angústias. A criadagem, pessoas de confiança que eram tratadas como membros da família, em pânico rogavam a chance de partir, acompanhando-nos na viagem. O enorme calor sobre o cais, cortava a respiração. Os odores, os animais, os suores, a fedentina exalada pelos navios (o breu usado na calefação do convés derretia no calor e a água podre parada nos porões) tornavam o ambiente hostil. O clima não era festivo, de uma viagem programada e sim de morte.

"Mais rápido. Apressem-se!" Gritou o capitão.

Os marujos carregadores, curvados pelo peso, em fila e apressados iam e viam pela escada congestionada levando uma infinidade de engradados e caixas. Se para um adulto aquele tumulto causava preocupação, imaginem para duas crianças com menos de dez anos. No pequeno cais do porto, engradados eram amontoados, repletos, de galinhas, pequenos cabritos e alguns porcos. Além do barulho da multidão que aglomerada esperava ordens para embarque. O agito dos animais tornava o momento assombroso. O choro, na despedida dos amigos e criados, ajudava a aumentar a tensão, própria das horas de fuga, quando o perigo se torna real. A paisagem bíblica, costas verdejantes, terras férteis, árvores de copas altíssimas, frutas exóticas, pássaros de mil cores, tudo ficaria para trás. O que não foi possível transportar foi doado a alguns poucos

que resistiram à retirada. Lembro-me do meu pequeno cão, amigo de brincadeiras, ao ser deixado em casa de estranhos. O Sr.Abraão, com a esposa adoentada, praticamente desenganada pelo médico, chorando veio despedir-se de nossa família: “Prometo que assim, que ela ficar boa, irei revê-los”, disse entre soluços. Um grupo de vinte famílias se acomodou no Valk. Um barco de tamanho modesto que, logo, ficou lotado; com o capitão, o mestre, os ajudantes dos oficiais e a marujada, éramos cento e sessenta pessoas.

Nas últimas semanas a comunidade judaica sentia-se em pânico. Os boatos percorriam as ruas da cidade. Os judeus eram tidos como pessoas possuidoras de riquezas e poderiam ser alvos de ataques por parte dos insurgentes contra o domínio holandês. A verdade era que aqueles pobres judeus estavam saindo do nordeste do Brasil levando somente poucas roupas e alguns objetos de uso pessoal. Os negociantes com as perdas sofridas pela situação de conflito entre os lusos e os holandeses estavam falidos.

“Meu nome é Miguel Espinoza. Sejam bem vindos ao Valk”. Disse o capitão.

A primeira impressão que tive ao ver o Valk, com tanta gente espremida em seu convés, foi de espanto. Pensei como um navio de madeira, velho e frágil poderia resistir às iras do imprevisível oceano. O barco deixou a enseada. No início ouviam-se os gritos dos que ficaram, depois os lenços que acenavam tornaram-se uma visão distante.

“Porque tem que ser assim?” eu perguntava.

A turbulência dos últimos dias na cidade nova do Recife criou uma situação de caos que espalhou pânico por toda a comunidade; foco de rebeldias existia entre os moradores mestiços e lusos. Com o retrocesso das atividades, muitos comerciantes com pesadas dívidas viam na chegada dos brasileiros e portugueses que estavam prestes a expulsar os holandeses a chance de perdão dos pagamentos, muitos já atuavam a favor do exército inimigo. Os holandeses tinham pouco tempo e muitos inimigos a preocupá-los. Poucos cristãos-novos decidiram pela permanência na cidade. Alguns judeus já tinham antecipado fuga para outros recantos da colônia. Os judeus que sobraram tinham pressa em embarcar de volta para a Holanda.



Logo, no **primeiro dia**, o mar revolto, assustava. Problemas de enjôo, uma tortura sem fim; o barco carregado, balançava, estalava, num gemido triste. Tínhamos a impressão que tombaria a qualquer momento. Ondas enormes, uma após a outra, descarregavam a suas fúria no velho casco. A primeira noite foi horrível; nauseados e espremidos, aguardávamos apenas a derradeira onda que fosse aniquilar a tripulação. Os trovões eram constantes e a escuridão do oceano era iluminada, vez ou outra, por raios esparsos. A tempestade não dava tréguas. Na atribulação da insólita viagem não conseguíamos levar a boca nenhum alimento. Mesmo com tamanha tempestade, o calor era infernal, a boca e a garganta seca, imploravam por água a todo instante. O capitão, velho conhecedor dos mares, havia recomendado ao cozinheiro que racionasse os suprimentos e a água potável era servida em pequenas frações. A tripulação tensa pelos dias de espera no cais de Recife, no aguardo de definição do embarque, demonstrava desconforto. A lotação do barco havia privado os marujos do aconchego de seus locais de descanso. Os velhos e alguns adoentados embarcados exigiam cuidados e suplicavam por atendimento. Percebia-se um descontentamento e o clima de motim pairava no ar. O perigo de ataques de piratas era enorme. A recomendação é que todos os barcos seguissem próximos uns aos outros. Mesmo, porque, não havia suprimentos e médicos disponíveis em todos os barcos e em caso de emergências o socorro viria de um barco vizinho. O momento do embarque foi decidido em função de informações de que não havia barcos portugueses nas proximidades.

As tripulações ainda se angustiavam com as longas viagens marítimas; acreditavam que a terra era plana e que dariam no abismo da beira do mundo. Em suas mentes imaginavam monstros gigantes que povoavam as profundezas do mar. O desenvolvimento nas viagens marítimas dos últimos dois séculos, ainda, não tinha eliminado o pavor que os marujos sentiam pelos mares desconhecidos; os mais experientes cuidavam em tranquilizar os mais novatos.

“O que fazer nesta extensão de água?”

“Em qualquer situação, vamos estar unidos”. Disse meu pai.

Meu pai, Moshe, embora, jovem, já exibia uma aparência cansada. Os últimos meses tinham sido terríveis para o jovem judeu. Seus cabelos de uma hora para outra ficaram grisalhos.

“Deus sabe o que faz”. Acrescentou.

“Os infortúnios, nos fazem lembrar do nosso reduzido domínio sobre a vida; tal qual no mar, após períodos de calmarias chega as tempestades. Diferentes e imprevisíveis, uma procurando superar à outra em intensidade e pavor.” Disse, ajeitando o solidéu.

“Não peça as pessoas mais do que elas podem dar. Não sofra por não encontrar nas pessoas aquilo que no seu julgar elas deveriam ter”. Concluiu, ele.

Diferente da minha imaginação sobre piratas e homens do mar, a tripulação era de uma mistura incrível; marujos europeus misturavam-se com nativos da costa brasileira, negros, escravos fugitivos e bucaneiros arrependidos. Trajavam roupas sobrepostas, sujas e remendadas que somadas a aparência do rosto, com suas tatuagens de mau gosto e cicatrizes, causavam a impressão de um exército de fantasmas.

❖

No barco o armamento: oito canhões presos ao piso do convés, nas canhoneiras, prontos para uso no caso de ataque de piratas ou corsários saqueadores. O canhão tem que estar bem preso, porque a cada disparo o coice é violento; grupos de três a cinco marujos têm que dominá-los. No **terceiro dia,** calmaria. A sensação era que o barco estava ancorado. Os dois dias de tempestades pareciam não ter existido. Agora era o sol que reinava impiedoso e impedia um simples passeio pelo tombadilho. Sol escaldante, o barco parecia que a qualquer momento se incendiária. Uma calmaria angustiante. Em nossas mentes os registros dos momentos vividos no Recife, com seus canais e suas pontes, que se afastaram de nossos olhos. Dos bens, pouco restou; na pressa da fuga tivemos que nos desfazer de quase tudo que possuíamos. Recompensamos aqueles que tanto nos serviram naqueles anos maravilhosos. Boa parte de nossos móveis e pratarias foram divididos com os mais próximos.

A Saga do Valk – Questão de Escolha

Meus pais, eu e minha irmã Rana, de sete anos, conseguimos nos acomodar, graças à bondade do contramestre, em sua pequena cabine, junto com outra família. Pouco acima do leme e próximo à cabine do piloto havia quatro pequenas instalações de madeira e um quartinho com uma latrina improvisada; um buraco, junto à amurada, por onde os dejetos eram lançados diretamente ao mar. O local era tão apertado que passávamos a maior parte do tempo, deitados ou sentados. Espaço com menos de três metros de comprimento, por uns dois metros de largura; algumas vigas de madeira passavam pela saleta, que tinha uma altura de aproximadamente dois metros no seu centro e nas laterais a altura não passava de um metro. Eu e minha irmã podíamos caminhar sem problemas; os adultos sofriam mais a falta de espaço.

"Quanto tempo vamos ficar aqui?" disse Rana.

Minha doce irmã tinha pequenos olhos verdes. Cabelos, longos, cheios de cachos cor de cobre; rosto bem formado com algumas pequenas sardas. Vestia-se como uma boneca com roupas feitas pela minha mãe. Sempre serena e meiga; como um anjo. A retirada levou o barco a ter uma superlotação, os mantimentos e principalmente a água potável teriam de ser racionados. A água era acondicionada em tonéis de madeira, que com o tempo dava um sabor horrível, podre, tornando o ato de saciar a sede, uma tortura. Os alimentos eram armazenados em porões pouco arejados, quentes e úmidos. Acompanhei meu pai, a um passeio pelo barco aproveitando a calmaria; alguns marujos, meio desconfiados, nos olhavam curiosos pelo uso do kipá em nossas cabeças. O meu era especial, preto com uma pequena renda branca em seu contorno. Percebi que no barco viviam ratos, baratas e insetos que viviam dos restos; a higiene era precária. Na minha inocência eu imaginava que comeríamos peixes, mel e frutos à vontade. Não era esta a realidade. Os peixes eram difíceis de pescar em alto mar, as frutas eram raras e a tripulação preferia não arriscar nas iscas de resultados incertos.

Na cozinha, próxima à cabine do capitão, notei que, pelo menos por enquanto, não teríamos problema com a alimentação. Havia uma boa reserva: conservas, carnes salgadas, sardinhas, ervilhas, lentilhas, alho, cebolas, sal, azeite, vinagre, açúcar, mel e uma pequena reserva de amêndoas; ameixas secas e vinho, além dos tonéis de água. O cozinheiro nos relatou que em emergências a água do mar serviria para o cozimento dos alimentos. "O problema são os efeitos

que podem ser febres e desarranjos.*”* Disse gargalhando. Os marujos viviam espalhados pelo convés e dormiam em lugares improvisados. Levavam uma vida dura, expostos ao sol, frio e à chuva. Muitos morriam em decorrência da tuberculose e outras doenças fatais. Ao indagar a idade para alguns marujos fiquei espantado, os com aparência de velhos não tinham ainda trinta anos.

O capitão, o mestre e o imediato possuíam aposentos próprios e desfrutavam de uma dieta elaborada. Faziam parte desta ração, mel, açúcar, vinho e amêndoas. A vida no mar excedia o que eu havia lido, até então, das aventuras em portos e rincões pelo mundo afora. Os perigos dos mares eram constantes e o mais grave são as doenças. Um flagelo é o mal das gengivas. Depois de algumas semanas, as gengivas incham e começam a apodrecer, causando um cheiro nauseante: antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte — sem conseguir mastigar e com fortes dores, definha até a morte — é preciso cortar a carne apodrecida. O procedimento é feito com poucos recursos e o marujo tem que ser contido pelos outros, na execução da raspagem. No início das viagens os estoques de limões e laranjas serviam de prevenção ao mal das gengivas; depois com o fim do estoque os marujos padeciam com o flagelo. Diferente da ideia romântica que eu tinha do marujo e do pirata, forte e saltitante pelo tombadilho com sua gaita e suas cantorias. Porque será que a realidade é tão dura e desengana os nossos sonhos?

Nos primeiros dias de viagem era possível o abate e preparo de cargas vivas. Embarcadas no porto, tinham de ser consumidas rapidamente e atendiam o cardápio dos oficiais. Os animais abatidos e, as centenas de aves: galinhas, marrecos e patos; ajudavam a aumentar a fedentina que exalava por todo o barco.

❖